A Scena Muda

REVISTA DA SEMANA

A mais luxuosa das revistas semanaes brazileiras — Grande formato — Illustracções artisticas — Collaboração dos mais notaveis escriptores nacionaes e estrangeiros

---

A REVISTA DA SEMANA, depois das consideraveis transformações por que passou, hombreia com as mais notaveis publicações illustradas do estrangeiro e é a primeira das grandes publicações illustradas semanaes da America do Sul.

Em todos os seus numeros, a REVISTA DA SEMANA publica uma novella illustrada, uma ampla secção de noticiario estrageiro, uma desenvolvida reportagem photographica dos acontecimentos da semana, uma chronica mundana, caricaturas, artigos sobre arte, historia, tradições e figurinos, uma chronica theatral, uma chronica militar, poesias, e a desenvolvida secção de JORNAL DAS FAMILIAS, comprehendendouma chronica de modas, com figurinos, conselhos sociaes, economia domestica, cozinha, consultorios medico, odontologico, juridico e da mulher

---

Ver na Revista da Semana a campanha em prol do aformoseamento do Rio de Janeiro: os concursos da Carta de Amor e das Mais indas moças do Brazil

SUMMARIO DO N. 14

OS MAIS LINDOS ENFEITES SÃO AS PEROLAS

PEROLINA

Imitação perfeita das perolas, a 8$, 16$, 18$, 2[illegible], 22$, 25$, 30$, 35$, 40$, 50$ e 60$000.
Pelo Correio, mais 1$000.

BIGOUDIS — *Pacote*, 1$500, 2$000, 2$500, 3$000, 3$500, 4$000, 5$000 e 6$000.
Pelo correio, mais 600 réis.

CASA Eritis

RUA URUGUAYANA 78

TELEPHONE C. 1313

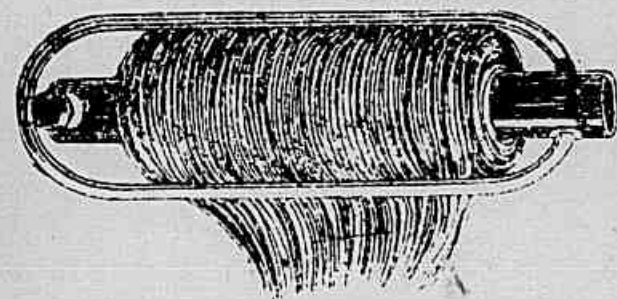
COIFFEUR DE DAMES

Especialidade em decolorações e applicações de Hénné.

10 Salões independentes.

POSTIÇOS

ENVELOPEUR COM O

Repartido invisivel X ...... 100$000
Meia-transformação ...... 120$000
Experimentam-se gratuitamente.

ONDULADORES DE CABELLOS

Caixa, 3$000, 4$000 e......... 5$000
Pelo Correio, mais 600 réis

Carlos Reis
Campos Salles 31

Secção Bibliographica da "REVISTA DA SEMANA"

Por uma combinação entre esta Empresa, a Livraria Francisco Alves e a Sociedade Editora PORTUGAL-BRASIL LIMITADA, serão postas simultaneamente á venda em Portugal e no Brasil as obras de auctores brasileiros e portuguezes, editadas por aquella empresa editora.

Ultimas edições da Sociedade Editora Portugal-Brasil Limitada

OBRAS DE JULIO DANTAS

D. João Tenorio . . . . 4$000
Mulheres . . . . 4$000
Espadas e Rosas . . . . 4$000
Como ellas amam . . . . 3$500
Um serão nas Laranjeiras . . . . 3$500
Rosas de todo o anno . . . . 1$000
Carlota Joaquina . . . . 1$500
1023 . . . . 1$000
A Castro, notavel peça de Theatro do seculo XV — Os amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro — adaptação, em 4 actos, por Julio Dantas — Um volume . . . . 2$000

JOÃO DO RIO

A mulher e os espelhos, uma obra que se esgotou em oito dias! — Um volume . . . . 3$500

CELSO VIEIRA

O Semeador, considerada uma das obras primas da litteratura nacional contemporanea — Um volume . . . . 4$000

E. LASSERRE

Delinquentes Passionaes . . . . 4$000
Seres e Sombras, por Oscar Lopes — Um volume 3$000
Os cançonetas brazileiros e portuguezes — Com um prefacio de Mayer Garção — Um volume . . . . 2$500
Cartas de mulher — Collecção das mais sensacionaes cartas de **Iracema** — Um volume . . . . 4$000
Gente d'Algo, pelo conde de Sabugosa, com um prologo inedito . . . . 5$000
Cem cartas de Camillo, por L. Xavier Barbosa — Um volume illustrado . . . . 5$000
Sangue Português, contos historicos, de H. Lopes de Mendonça, que a critica comparou ás **Lendas e Narrativas,** de Herculano . . . . 4$000
A Grande Aventura, por Antonio Granjo . . . . . . 2$500
O ultimo Senhor de S. Gião, por Vicente Arnoso . . 2$000
De Roma e suas Conquistas, por M. da Silva Gaio, secretario da Universidade de Coimbra . . . . 4$000

ALBERTO DE OLIVEIRA

Da outra banda de Portugal (quatro annos no Rio de Janeiro) — Um volume . . . . 4$000
Eça de Queiroz — Um volume . . . . 4$000

SOUZA COSTA

Fructo Prohibido (romance) . . . . 4$000
Pagina de Sangue . . . . 4$000

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Paginas Escolhidas — Um volume . . . . 3$000

CARLOS MALHEIRO DIAS

Esperança e a Morte . . . . 4$000
Verdade Nua . . . . 4$000

DR. AMELIA CARDIA

Episodios da guerra . . . . 3$000

MARIO DE ARTAGÃO

(Da Academia de Lettras do Rio Grande do S...

O Psalterio (versos) . . . . 2$000

JOÃO MADAIL

Cultura de arroz . . . . 3$000

OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS A'

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

proprietaria da **Revista da Semana, Eu Sei Tudo** e **Scena Muda** — Praça Olavo Bilac, 12, Rio de Janeiro — e aos seus agentes em todo o Brasil, ou á LIVRARIA FRANCISCO ALVES — Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro.

A SCENA MUDA

Edição da Companhia Editora Americana
Direcção de Renato de Castro
SOCIEDADE ANONYMA — Capital realisado 500:000$000
Praça Olavo Bilac, 12 e 14, e Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
Endereço Telegraphico REVISTA
Telephones: Directoria, n. 112; Redacção e Administração, n. 3660
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO Director - Gerente.
Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1921

NOVIDADES NA TELA

William Desmond, ainda que por pouco tempo, voltou a trabalhar nos theatros norte-americanos

Miss Eileen Percy

Miss Mae Bush

May Allison soffreu recentemente um accidente, por uma simples inadvertencia. Quando ensaiava o film "Deve-se culpar a esposa ?", cahiu durante uma scena, com tão má sorte, que recebeu um duro golpe. Não dando importancia ao caso, continuou seu trabalho, até que a dôr crescente produzida pela quéda, obrigou-a a um exame de raios X, no qual se comprovou que a bella actriz havia fracturado duas costellas.

Miss Gloria Hope

Miss Gladys Walton

A empreza Lasky persiste em seu proposito de apresentar em um só film varias estrellas, como já fez no drama "Os negocios do Anatolio". A actriz **Elsie Ferguson** interpretará com **Wallace Reid** os principaes papeis do film "Peter Ibbetson", extrahido do drama do mesmo nome, que tanto successo alcançou no theatro.

"Peter Ibbetson" está sendo dirigido por **George Fitzmaurice** e espera-se obter exito.

Noticiam os jornaes suecos que o governo dos "Soviets", lutando com carencia quasi absoluta de papel, está tentando substituir os jornaes por "films".

O "soviet" de Tambow organizou recentemente uma agencia telegraphica, que publica suas noticias exclusivamente em fitas, que são verdadeiros jornaes cinematographicos, com duzentas linhas de texto e algumas illustrações.

Cecil B. de Mille está preparando um film interpretado por **Theodore Kosloff**, celebre actor comico e artista choreographico, **Dorothy Dalton**, **Mildred Harris** e **Conrad Nagel**.

Necessitou de cuidados medicos o artista **Tom Samaschi**, que acaba de ser operado de appendicite no Hospital Clara Barton, de California.

A BELLA ESPOLIADORA

O conde de Bonzi e seus amigos corôam Norina rainha d'aquella festa de loucura

Norina ficára orphã aos dezoito annos e nas peiores condições moraes.

Desde a mais tenra edade, fôra privada dos cuidados maternos e seu pai, um sonhador desordenado, dedicando-lhe embora o mais profundo carinho, julgava preencher todas as suas obrigações, empenhando-se em satisfazer todos os seus desejos e a viver em uma atmosphera de luxo, cujo preço não sabia avaliar.

Perdendo-o em pleno fulgor da adolescencia, **Norina** viu-se só no mundo, tendo como unico conselheiro e amparo o mais intimo amigo de seu pai, o velho **Julião Strozzi**, um aventureiro incorrigivel, sempre mettido em negocios mirificos, onde os melhores lucros provinham de sua habilidade no jogo da Bolsa e na valorisação ficticia de titulos desmoralisados, que elle impingia aos ingenuos.

— Tu vais deixar esta canalha immediatamente — disse-lhe o aviador com voz surda.

Pela primeira vez Norina (Carmen Meyers) sente pulsar o coração

— E não esqueças que eu te amo — murmurou o conde de Bonzi (Irving Cummings).

Os homens d'esse genero não podem viver isolados. Para o proprio exito de suas ardilosas combinações precisam de um comparsa, de um companheiro que os ajude a envolver suas victimas na trama em que devem deixar o dinheiro e muitas vezes a propria honra. O amigo escolhido por **Julião** para a boa marcha de suas tramoias é agora um homem moço ainda, de suprema elegancia, muito bem relacionado e portador de um nome illustre: — O conde de **Bonzi**.

Entre outras habilidades, **Bonzi**, que estudou pintura em bôas escolas, tem um geito especial para fazer copias dos mestres classicos, improvisando telas com toda a apparencia de obras antigas, para vendel-as aos novos ricos, aos pretenciosos, que fingem entender de arte para fazer figura na bôa sociedade.

Entre esses dous individuos sem escrupulos, porém bastante maneirosos para inspirar confiança, a mentalidade de **Norina** vai se deformando pouco a pouco e ella acaba por se tornar para elles a mais preciosa das cumplices, porquanto sua belleza é o mais poderoso elemento para convencer os ingenuos visados pelos dous exploradores. Por exemplo: — como poderá um velhote, que enriqueceu subitamente e quer dar á sua residencia aspecto senhorial, resistir ás lagrimas da formosa **Norina**, quando esta lhe affirma em tom sentido, que uma tela fumacenta é uma preciosidade de Rembrandt, uma reliquia de familia, de que ella só resolveu separar-se por se ver nas bordas da miseria.

E quando o candido amador se retira, deixando um valioso cheque, ella ri. Não tendo recebido jamais noções de moral integra, parece-lhe supinamente espirituoso explorar a ignorancia alheia.

De resto para seus habitos de luxo é indispensavel dinheiro, muito dinheiro e os dous cumplices não se negam a lhe fornecer avultada commissão d'esses negocios: **Julião**, porque, com o feitio peculiar aos aventureiros, não dá valor ao vil metal; **Bonzi**, mais secco e calculista, torna-se tambem generoso quando se trata de **Norina**, porque a belleza da orphã começou a ferir fundo o seu coração e elle pensa em desposal-a.

Mas, um dia, apresentam-lhe como um bôbo a depennar, o joven tenente **Christovam**, um official aviador,

(Continúa na pag. 30)

A actriz Carmen Meyers em uma scena de amor com Frank Mayo

DE FIDALGA A ESCRAVA

ROMANCE EXTRAHIDO DA FAMOSA COMEDIA DE "JAMES MATHEW BARRIE

O Admiravel Crichton

(Continuação)

A presença da garbosa Suzanna a seu lado, perturbava a emoção de Lord Brockelhurst

— Mary !... Vem cá... Olha que noticia espantosa !

CAPITULO II

PREPARATIVOS E INCIDENTES

A revelação daquelle escandalo aos olhos do mordomo e em sua presença chocava-a como uma affronta pessoal. Lady Helena era para ella uma igual, uma creatura de sua raça, de seu nivel e o facto de ver assim exposta á curiosidade de Crichton sua fraqueza... — por que não dizer sua baixeza sentimental ? — causava a Lady Mary uma sensação de vergonha immensa, de revolta insupportavel... A vergonha e a revolta de uma senhora que visse uma sua egual despida ante os olhos escarninhos de um homem... menos do que um homem... um creado !

Mas Crichton mantinha-se impassivel, conservava naquella circumstancia a mesma serenidade impenetravel com que se

A viagem começava sob os melhores auspicios

Lord Loan e sua filha Agatha, a bordo

O yacht afastava-se; o littoral não tardaria a desapparecer no horizonte

Guido, o piloto, encarregou-se de lhe provar que ella nada tinha de feia

apresentava sempre deante dos "senhores".

Voltando-lhe as costas para occultar o rubor e a expressão de colera **Lady Mary** procurou refugio junto de seu pai, que, para encher sua ociosidade, organisava a excursão ao Atlantico Sul, como se se tratasse de uma expedição ao plató central da Africa, consultando mappas innumeraveis e ouvindo em conferencia toda a familia.

Comtudo, a fixação do itinerario não daria para occupar a tarde, se não surgisse um incidente grave, que encheu o tempo até a hora do jantar.

O yacht era uma joia, de uma elegancia, velocidade e segurança perfeitas, mas tinha poucas accommodações. Deviam tomar parte na excursão o **lord, lady Mary, Agatha, Ernesto** e o presbytero **Tricherie**; mas a creadagem tinha de ser reduzida a uma só creada e a um só creado.

Mary e **Agatha** começaram por bradar aos céus. Não era possivel! Como poderiam ellas viver com uma só creada para as duas? Seria um horror!...

Foi necessario toda a eloquencia de **lord Loan**, toda a sua autoridade de chefe da

(Continúa na pag. 31)

ADEUS MOCIDADE

COMEDIA DE SANDRO GAMASIO E NINO OXILIA

Mario deixa sua pequena aldeia natal em demanda da Universidade, despedindo-se de todos os seus parentes e amigos, e todos lhe desejam inumeras venturas em sua vida de estudante.

Já na carruagem, **Mario** encontra-se com o joven **Leão**, um myope terrivel, que tambem se dirige para a Universidade e portanto faz bôa camaradagem com **Mario** a ponto de trocarem seus cachimbos em signal de alliança, á moda dos velhos indigenas americanos.

Uma vez chegados á cidade universitaria os dois calouros soffrem todas as troças e todas as assuadas, que os mais velhos costumam dispensar aos "bichos".

Uma das maiores dessas partidas consiste em levar os neophitos para uma taverna onde todos os estudantes fazem diabruras, despejando garrafas sem conta ficando a nota por pagar para o pobre **Leão** que passa a ser o "Queiroz" da rapaziada.

Mas os dois novos estudantes necessitam de um quarto e, por um annuncio de jornal, vão ter a uma casa de aspecto humilde mas muito asseiada.

Quem os recebe alli é uma guapa rapariga, filha da dona da casa. **Mario** immediatamente se desfaz em gentilezas para com a bella **Dorina**, que, vendo-se assediada pelos olhares de tão garboso rapaz, vai chamar sua mamãi afim de tratar o aluguel do aposento.

Entretanto **Leão**, que pouco enxerga, afflige-se sem conseguir verificar se a pequena é mesmo tão bonita como dizem. E ao fim de todo esse interrogatorio é ainda **Leão** quem paga o quarto.

Começa a nova vida e com ella se inicia o romance de amor entre **Dorina** e **Mario**.

São duas almas jodor da mocidade e asvens em pleno explensim passam entre sonhos e illusões tres annos de ventura até que, um dia, uma nova e bella figura de mulher vem perturbar a serena tranquilidade dos dois namorados.

Helena uma moça de alta sociedade, que, desde muito, andava enamorada por **Mario**, apresenta-se em casa deste sob um pretexto qualquer e desde logo se apodera do coração de tão voluvel estudante.

Dorina começa a comprehender que o amor de **Mario** vae pouco a pouco desapparecendo.

Chega emfim a primavera, a risonha primavera, mas para a alma de **Dorina** é primavera sem sol e sem amor. Passa assim o tempo das aulas até que chega o ultimo anno. A alegre e ruidosa turba dos estudantes, que vieram bisonhos para a Universidade e que agora partem cantando para os seus lares ou para uma nova vida, prepara suas malas.

Adeus Mocidade...

E quando vão dizer a **Dorina** que **Mario** vai partir, formado em

Namoro de estudante

A irresistivel rival veiu destruir seus sonhos de ventura

Dorina (Maria Jacobini)

Dir...o, ella, triste, como num sonho murmura:

— Que coisa curiosa é a vida...

E ao mesmo tempo, Mario, exclama:

— Esperei tão anciosamente este mom... e agora que vou partir, sinto-me des...mado, sem coragem para a luta. Ade... Mocidade... Adeus dias de sol, de aleg... e de amor!

...ta comedia foi cinematographada pela ...rie de Arte Italiana com a seguinte dist...uição:

D...na — **MARIA JACOBINI.**
H...ENA — **HELENA MAKOWOSKA.**
M...IO — **LIDO MANETTI.**
L...O (O myope) — **ROGGERIO CAPOD...LIO.**

C...matographia Allemã — A "Terra Film ...esellschaft" era até ha pouco tempo, u...a sociedade anonyma limitada. Fundada em principios de 1920, possuia capitae... avultados e não faltavam artistas nota...is no seu elenco, a cuja frente, como direc...or, estava o **Sr. Erich Moravosk**, um ...erito vantajosamente conhecido ha muit... annos.

A sociedade lançou então um emprestimo e organisou producção propria. Seu primeiro trabalho obteve grande exito. Foi o film "O Casamento de Figaro". Trabalhava nelle como protagonista a celebre actriz allemã **Hella Maja** e o escenador foi o especialista **Max Mack**, que trabalha exclusivamente para a "Terra".

A 4 de Outubro ultimo a empreza foi convertida n'uma grande sociedade anonyma e seu capital elevado a 40.000 marcos. Participaram d'essa operação financeira importantes bancos allemães, austriacos e hollandezes, pondo disposição da sociedade todo o capital necessario para a ampliação dos negocios.

Elle parte... E' a mocidade que foge...

— Não chores, Dorina... Eu não quero ver-te chorar...

(ROMANCE BASEADO NA VIDA DE ROULEAUX)

(Continuação)

CAPITULO IV

DEANTE DA MORTE

Porém os demais assaltantes vêm sobre **Eddie Polo**, que é forçado a travar com elles uma luta encarniçada e na confusão do combate um dos empregados de **Gray** consegue deitar mão ao revolver, que o desconhecido entregára momentos antes ao acrobata.

Apodera-se d'elle e atira-o á margem opposta do rio.

Eddie, porém, que já comprehendeu que

Nem sempre um homem se deve fiar no vigor de seus musculos

O elenco do circo Gray

As primeiras desconfianças

aquella arma deve ter valor e sig[illegible]fica-ção muito preciosa, e tendo notado o [illegible]esto do bandido, solta-se das mãos de seus adversarios, deslisa com extrema a[illegible]acia por um enorme penhasco, que se [illegible]lina sobre o rio e d'alli salta para a [illegible]tra margem, onde deita mão á arma qu[illegible] ser-viu para a tentativa de assasinato [illegible]tra o velho palhaço.

Miss Helena, que atravessou o ri[illegible] an-do volta por uma ponte proxima, [illegible]em collocar-se ao lado de **Eddie** e cor[illegible] om elle, perseguidos ambos pelo pess[illegible] do circo.

Um d'esses miseraveis está quasi [illegible] al-cançal-os; **Eddie** volta-se, precipit[illegible] a seu encontro e põe-no em fuga.

Desde esse momento, os demais [illegible]sis-tem de perseguil-os e voltam á pre[illegible]nça de **Gray**.

Receiando, porém, sua colera, n[illegible] se atrevem a dizer-lhe que deixaram o [illegible]ol-ver em poder de **Eddie Polo**; pre[illegible]em mentir, affirmando que a arma cahi[illegible] no rio. O emprezario parece satisfeito [illegible]om essa solução, mas a ideia de que o [illegible]ste-

(Continúa na pag. 30)

As estrel.as da scena muda — MISS WANDA HAWLEY

A colera desfigura Tim Mac Guire e fal-o parecer máu

A PODER DE SOCCOS

CONTO DE A. CHANNING EDINGTON

Tim Mac Guire tinha um coração de ouro, mas era preciso conhecel-o de perto para adivinhar suas qualidades occultas sob uma apparencia pouco sympathica. Não que o rapaz fosse feio; ao contrario, seu physico era dos mais bem dotados pela natureza; porém seu genio era tão arrebatado e tão facilmente elle se encolerisava, que grangeára fama das menos recommendaveis. "E' um bruto!" — diziam todos.

O velho professor **Soaky**, que o tem em sua casa e sua filha **Fernanda** bem sabem que elle é uma creatura digna de todas as sympathias e mesmo de toda a confiança, tanto que o encarregou de dirigir seus trabalhos mais importantes; mas o pessoal que lida com **Tim** tem-lhe grande medo e anda sempre desconfiado com seus accessos de colera.

Ora, se o professor **Soaky** dedica a **Tim** toda a sua estima, sua filha **Fernanda** sente por elle mais do que amizade e vive consumida pelo desgosto, porque o rapaz parece não dar por isso.

Entre as pessoas amigas do professor **Soaky** conta-se uma formosa joven, **miss Lorraine Metcalf**, que embora filha de um grande millionario e vivendo em rodas mais luxuosas, não deixa de vir muito a meudo á residencia do **Sr. Soaky**,

Lorraine sabe agora o quanto é bom e nobre esse homem, que os inimigos só conseguiram vencer á traição.

visitar **Fernanda**, que foi sua companheira de collegio. Uma vez, quando **miss Lorraine** vem á casa do professor, o "chauffeur" de seu automovel tem um incidente com um transeunte e d'ahi se origina um conflicto tão violento que a moça está em risco de ser gravemente ferida, quando **Tim** intervem e espalha o grupo com impeto magnifico.

Miss Lorraine, encantada com a bravura e a dedigação, que elle lata o caso a seu pai e este, agradecido, manda offerecer-lhe a chefia das grandes obras de irricação de **Tim**, reestá construindo na "Serra", onde constantemente os bandoleiros provocam desordens, perturbando o serviço.

Tim acceita a offerta e o **Sr. Metcalf** resolve partir tambem para a "Serra", pois desconfia de que

(Continúa na pag. 32)

D'esta vez é uma vida mais preciosa que elle tem de defender

Desbaratar os odversarios a murro... Eis Tim Mac Guire em seu elemento

NORMA TALMADGE no film "Por direito de conquista"

Enquanto o demonio ri

CONTO DE GEORGE WILLIAM HILL

Em um dos suburbios mais distantes, mais tristes e mais immundos de New-York, no longinquo East Side, vive **Mary Franklin**, que, embora muito moça ainda, foi improvisada pelas circumstancias, chefe de sua pequena familia, cuidando, quasi só, de sua mãi, já muito edosa e doente e de seus pequeninos irmãos **Gertie** e **Gustavo**.

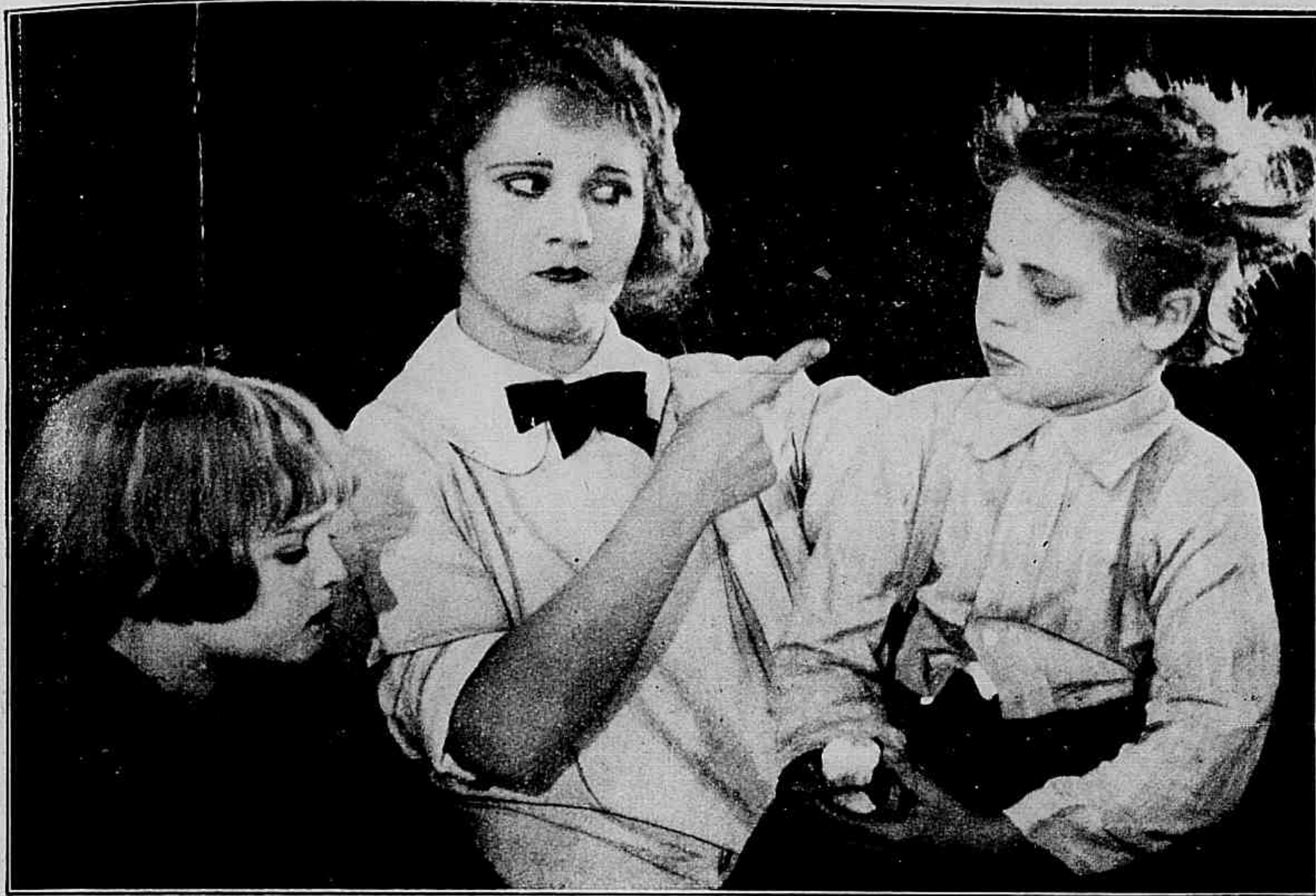
Toda a gente da visinhança observa e admira a actividade e dedicação d'aquella moça, que parece viver exclusivamente para os trabalhos caseiros, embora não se saiba muito onde obtem **Mary** os recursos necessarios para manter sua pequenina tribu; ninguem imagina o verdadeiro segredo d'aquella existencia.

Quando todos se recolhem, quando todos dormem naquelle humilde recanto da cidade é que começa a verdadeira vida de **Mary Franklin**, é que ella se entrega ás suas verdadeiras occupações, que são as de membro de uma quadrilha de ladrões chefiada por **Fence Mac Gee**. E, para melhor exercer suas habilidades como cumplice e indicadora do bando, ella figura como cantora em um "cabaret" dos mais baixos e tumultuosos. Das commissões que recebe, como preciosa auxiliar de **Mac Gee**, da parte que lhe cabe nos roubos praticados pelo bando é que ella tira os recursos para sustentar sua familia. Assim faz não por perversão propria; mas por habito, que desde pequena lhe tirou a noção do bem e do mal, o senso moral das cousas.

Seu pai era, tambem secretamente, membro dessa quadrilha; sua familia ignorava esse aviltante "meio de vida" e um dia elle teve a fraqueza de servir-se de sua propria filha como auxiliar em uma proeza. A menina acceitou com perfeita innocencia o encargo que era dado. Depois, já adolescente, comprehendeu bem as razões por que convinha manter em segredo aquellas actividades; mas, quando seu pai falleceu, continuou a mesma vida, porque era preciso manter os pequeninos e sua mãi era por assim dizer invalida.

Com o tempo, dedicando sua intelligencia sómente a essas tristes preoccupações, ella se torna de uma habilidade invejavel e é no bando um dos mais valiosos elementos.

Entretanto vai pouco a pouco surgindo em seu espirito uma nota mais sympathica e mais doce: sua ternura por **Billy Anderson**, um "chauffeur" de "taxi", que por fraqueza, se fez afiliado do bando. Uma pequena infracção de regulamentos policiaes levou-o um dia a acceitar de **Fence Mac Gee** precioso auxilio, que o livrou de multa e prisão. Dias depois **Fence**, por sua vez, veiu lhe pedir a collaboração em um acto francamente criminoso e **Billy**, não tendo coragem de recusar, ficou ligado aos bandidos por por essa primeira cumplicidade. Foi então que conheceu **Mary** e foi pelo sentimento muito suave que ella fez nascer em seu

Ao alto: — A presença do "Cantor do Prophéta" impressiona profundamente Mary. Em baixo: — Fence Mac Gee (Raymond Nye) e Pearl de la Mar (Oleta Otis) surprehendem o idyllio de Mary com Billy Anderson (William Scott).

Uma chefe de familia terrivelmente severa

drilha de **Fence**, para que o possam abandonar de um momento para outro.

Está assim a situação quando apparece no bairro um velho singular, uma especie de mystico, que se intitula "O Cantor do Propheta" e vive pelas ruas, cantando — diz elle — "para as crianças e para todos os que choram". E' um semi-louco benefico, um pobre velho que, sabe Deus pela força de que que desgostos, perdeu a noção de seu proprio passado e tem como preoccupação unica a mania religiosa; canta sómente hymnos sacros, aconselhando a resignação, a fé, a misericordia.

Uma noite, em que **Mary** está desesperada com a molestia de seu pequenino irmão, julgando-o já perdido, ouve a voz do cantor do propheta, que implora a piedade divina para os

(Continúa na pag. 32)

coração, que **Billy** se foi deixando ficar naquelle meio, embora todos os seus instinctos fossem oppostos a vida irregular e immoral dos que andam fóra da lei.

Em todo o caso, suas ligações com a quadrilha de **Fence** não o impedem de procurar a fortuna em recursos honestos e elle trabalha porfiadamente na invenção de um apparelho, que deve melhorar consideravelmente os motores de automoveis. E' esse o principal assumpto de suas palestras com **Mary**. **Billy** confia-lhe o segredo de sua invenção e, mais ainda, a esperança de conseguir realizal-a, porquanto um capitalista, assistindo a uma de suas experiencias, interessou-se pela iniciativa do modesto "chauffeur" e prometteu auxilial-o a realizar o apparelho que imagina.

— Se assim fôr — diz **Billy** — se minha invenção der resultado, eu ficarei sinão rico, pelo menos independente; poderei ganhar largamente minha vida e, se quizeres casar commigo, deixaremos para sempre esta vida e as complicações de **Fence**; iremos viver em uma pequena fazenda, na California, trabalhando sem grandes fadigas ao ar livre, no meio das arvores.

Mary ouve e seus olhos fulgem docemente.

Mas, emquanto não se realizam esses lindos sonhos, é preciso viver e elles estão ambos muito compromettidos com a qua-

Mary Franklin (Louise Lovely) e sua mãi (Molly Shafer)

Os predilectos do publico — TOM MIX

Anna de Boleyn

ROMANCE HISTORICO

Era sob o reinado de **Henrique VIII**, o rei artista, o monarcha dotado com qualidades superiores de governo, mas, tambem, de caracter mais cheio de falhas, a creatura mais voluvel, mais inconstante,

UM ESPANTOSO ANACHRONISMO — Durante a confecção d'este film, o Sr. Ebert, chefe do governo allemão, visitou a fabrica Union-Film e assim um photographo poude retratar juntas essas tres figuras historicas — o rei Henrique VIII, Anna de Boleyn e... o presidente da Republica Allemã.

mais voluptuosa, mais cruel e mais amiga dos prazeres que já havia cingido a corôa de Inglaterra.

Exactamente no momento em que se inicia a acção do romance, regressava de França, onde, em tenra edade, acompanhára a irmã do rei, futura esposa do rei Luiz XII, uma delicada flor da nobreza da patria dos **Tudors**. Era **Anna de Boleyn**, sobrinha do duque de **Norfolk**, a cujos encantos estava rendido o valente cavalleiro **Henrique Norris**, seu companheiro de infancia.

Anna voltava á côrte de Londres para servir á rainha **Catharina de Aragão**, esposa pouco feliz de um marido, que a desprezava, entregando-se unicamente a suas diversões favoritas — a caça, o vinho, o jogo e as conquistas amorosas.

Foi justamente no dia em que a rainha **Catharina** recebia os cumprimentos da côrte, por motivo de seu anniversario natalicio, que **Anna** lhe foi apresentada..

Pouco antes, **Henrique**, com o coração em jubilo por vel-a de novo na Inglaterra, pedia-lhe permissão para fallar a **Norfolk** sobre a necessidade de apressarem seu enlace nupcial, não retardando por mais tempo a infinita ventura que os aguardava.

E foi nesse dia, ainda, que o rei a conheceu e d'ella se enamorou, jurando que havia de conquistal-a, custasse o que custasse.

Nos jardins do palacio, a alta nobreza, com assistencia dos monarchas, entregava-se aos jogos em uso no tempo, quando o rei **Henrique VIII** provocou um incidente, que desgostou profundamente a rainha, escandalisou a côrte e levou o desespero ao coração do cavalleiro **Norris**.

O rei jogava com **Anna de Boleyn**, e, como a bola tivesse cahido dentro de um pequeno bosque e a moça fosse buscal-a, seguiu-a, tentando, á força, beijal-a, o que não conseguiu sómente pela resistencia que **Anna** lhe oppoz e porque o bobo da côrte, inopinadamente, tivesse apparecido, pondo termo á luta breve travada entre o monarcha e sua victima.

Segundos depois, emquanto todos lhe evitavam a companhia, **Anna** notava o desgosto profundo do seu amado. Quiz defender-se, mas o cavalleiro não lhe deu credito, e voltou-lhe as costas. O bobo interveiu, porém, affirmando a **Norris** a innocencia de **Anna**.

Convencido então de que ella nada fizera, que justificasse a audacia do rei, o cavalleiro escrevera uma carta a **Anna**, pedindo-lhe perdão e annunciando-lhe que nessa mesma noite iria vel-a afim de reaffirmar-lhe seu amor e tratarem de assumpto que dizia de perto com a felicidade de ambos.

O rei não gosta de ser perturbado em seu idyllio

Imagine-se, porém, a cruel surpreza de **Anna**, quando, em vez de **Norris**, ella lhe vê apparecer o rei **Henrique VIII**, que tenta reduzil-a á satisfação de seus caprichos.

Anna resiste-lhe e o monarcha jura que ella lhe ha de pertencer tenha embora de, para isso, fazel-a rainha de Inglaterra.

Norris, que chegára pouco depois, ao ver alli o rei, torna seu rompimento com

A desditosa Anna de Boleyn a caminho para o cadafalso

Anna definitivo. Tudo entre elles estava acabado.

Entretanto o rei, tendo forçado **Anna** a acceitar sua proposta de casamento, pois que esse era o unico meio que elle encontrára para possuir seu amor, convocára o alto clero, que se devia constituir em tribunal para lavrar a sentença de divorcio entre elle e a rainha **Catharina**, sob pretexto de que a mesma não tinha condições physicas para dar um herdeiro para o throno de Inglaterra.

E **Henrique VIII** venceu todos os obstaculos, entre os quaes avultava a opposição do papa, com o qual elle rompe relações, proclamando a independencia da egreja ingleza, para o só fim de proclamar **Anna de Boleyn** rainha.

A cerimonia da coroação realisou-se com todo o esplendor, tendo o monarcha dado ordens severas para que fossem evitadas quaesquer manifestações de hostilidade do povo, sympathico á causa da desditosa **Catharina**.

Depois, nos primeiros tempos do novo consorcio, o rei julgou-se o homem mais feliz da terra, absolutamente enamorado, solicito e carinhoso para com a mulher, de quem esperava o tão desejado filho varão.

Mezes decorrem. A multidão espera, impaciente, que seja annunciado o nascimento do futuro monarcha. Não tarda que a desillusão de **Henrique VIII** seja completa. A rainha déra a luz a uma menina, a uma princeza.

O amor de **Henrique** pela esposa começa, então, a declinar e **Anna** comprehende a dolorosa verdade, quando vê o marido cercar de attenções uma de suas damas de honor, a joven e formosa **Joanna Seymour**, que um dia o soberano acompanha á caça.

Como a rainha **Catharina**, **Anna** envida, agora, todos os esforços para salvar sua felicidade, mas não o consegue, pois que tudo parece conspirar contra ella.

Disposto a casar com **Joanna**, **Henrique VIII** acha, mais cedo que esperava, pretexto para se ver livre de sua actual esposa.

Assim é que um poeta villão, que pretendera as graças de **Anna de Boleyn**, sabendo da amizade que a ligava a **Henrique Norris**, insinua ao rei que a rainha o engana com esse cavalleiro.

O duque de **Norfolk** tenta desfazer a infamia, mas no espirito do rei fica a suspeita, que lhe serve, ás mil maravilhas, para lograr seu intento de afastar do thalamo nupcial a creatura que já não ama.

O fim de **Anna de Boleyn**, a grande infeliz, é dos mais tragicos. Ella responde por um crime que não praticou, accusada miseravelmente de adulterio, condemnada por fim, a ser decapitada, emquanto **Henrique VIII** procurava apressar seu novo casamento, elevando **Joanna de Seymour** ao throno de Inglaterra.

Este romance foi cinematographado pela UNION [illegible] M, tendo como protagonista a [illegible]riz **Henny Porten.**

Anna de Boleyn e sua filha

Contribuição para a H[illegible]ria do Cinematographo — A r[illegible]ta "La Meuse", de Liége, pu[illegible]ou os seguintes interessantes [illegible]ontamentos historico-cinema[illegible]aphicos:

"**Frise Green** acaba de m[illegible]er em Londres. Foi em 188[illegible] que esse artista, tendo se esta[illegible]cido como photographo em [illegible]ccadilly, fez as primeiras p[illegible]tographias cinematographicas. A tira de celluloide ainda n[illegible] tinha sido inventada e **Green** [illegible]pa-nhava suas photographias em placas de vidro que, por u[illegible] engenhoso systema, vinham c[illegible]locar-se automaticamente de[illegible]nte da objectiva e fugiam depo[illegible] de terem sido photographadas.

Alg...s mezes mais tarde, tentou empregar o papel sensibilisado. Poude assim tomar uma serie de vistas animadas, representando uma visita a Hyde Park. Porém ...tava ainda o meio de valorisar essas photographias, augmentando-as e projectando-as sobre um "écran". Green comprou em uma casa de Birmingham a formula de uma solução de consistencia viscosa que poderia solidificar-se formando uma materia solida e translucida. Modificou a composição do producto, purificou-o, clareou-o, e conseguiu, afinal, o primeiro film cinematographico.

Entregue de corpo e alma a suas experiencias, abandonou seu "atelier" photographico, que era muito concorrido e, por isso, depois de ter empregado nessas experiencias mais de 250.000 francos, encontrou-se arruinado e incapaz de fazer face a suas obrigações commerciaes. Sua casa foi vendida com todos os apparelhos de sua invenção e **Green** acabou sendo mettido em uma prisão por não poder pagar o que devia.

Alguns detalhes que concernem á industria do cinematographo nos Estados Unidos, foram publicados recentemente pela "Exhibitors Trade Review":

"Os capitaes empenhados na industria cinematographica norte-americana, a quarta entre as mais importantes de todo o paiz, elevam-se a um bilhão e meio de dollars.

Ha dois annos, a alta finança de Wall Street interessou-se por essa industria e ajudou a formação das quatro sociedades productoras mais importantes.

A "Famous Players-Lasky Corporation" possue mais de 400 salas de espectaculo nos Estados Unidos e no Canadá. Tem 140 filiaes e gyra com um capital de 65 milhões de dollars. Tem 3.000 accionistas. A Sociedade "Marcus Loew" tem 9.000 e a "Goldwin" 3.000.

A censura austriaca deu tão grandes cortes na "Misericordia", film de propaganda contra a pena de morte, que provavelmente essa producção não poderá ser exhibirá editado pela. O film fôla "Svehoda Film".

O primeiro desgosto de **Anna de Boleyn**, rainha de Inglaterra

Henrique VIII já não occulta o interesse que toma pela formosa Joanna Seymour

-O Espelho Negro-

OU

-A Irmã Mysteriosa-

NOVELLA DE LOUIS JOSEPH VANCE

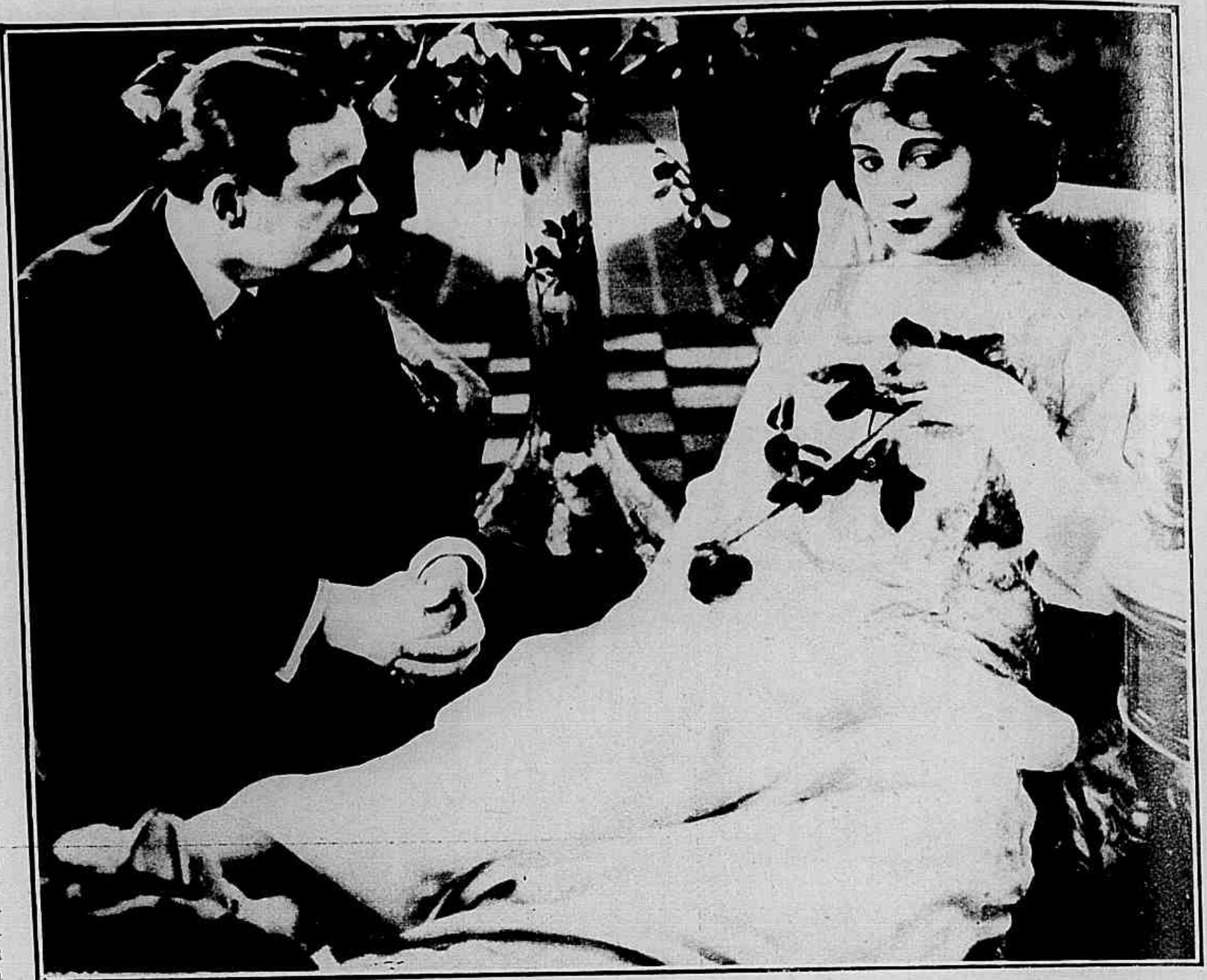
Priscilla Maine (Dorothy Dalton) em seu lar

Priscilla Maine era uma moça da melhor sociedade, finamente educada, dotada com todas as qualidades para ser, como era era de facto, o encanto de todas as pessôas de suas relações e a rainha de todos os salões, que frequentava, nas melhores rodas de New York.

Toda a gente a acreditava e ella propria se tinha como filha unica do **Sr. Maine,** que era um capitalista muito conceituado.

Entre as pessôas, que **miss Priscilla** distinguia com suas sympathias contava-se um joven medico, o **Dr. Philip Folick,** que grangeára em poucos annos invejavel reputação seus estudos sobre psychismo analytico, conseguindo esclarecer e explicar com logica admiravel grande numero de phenomenos psychicos e nervosos, d'esses, que impressionam os espiritos fracos, espalhando a crença de intervenções do alem tumulo.

Um dia, em tom de gracejo, mas com o olhar inquieto, que denunciava uma preoccupaçãomais grave do que ella desejaria manifestar, **miss Priscilla** pediu ao **Dr. Pililip** que a soccorresse com seus conhecimentos de phenomenos inexplicaveis, para os profanos. Desejava que elle a auxiliasse a comprehender o mysterio de uma serie de sonhos, sempre muito similhantes, que perturbavam constantemente suas noites, desde muitos annos. Esses sonhos eram curiosissimos não só pela persistencia com que se repetiam mas ainda por que nelles ella via sua propria personalidade, sua figura perfeita, vivendo em meio muito diverso, com vestuario, que nunca usára, em logares onde tinha a certeza de que nunca estivera... Eesses sonhos voltavam sempre a surgir em seu somno, fazendo-lhe ver aquelles mesmos logares, em seus mais intimos detalhes com a nitidez de uma recordação recente.

Mais ainda: — nesses sonhos ella lidava com umas tantas pessôas, que acabá-

O Dr. Philip (Huntley Gordon) toma profundo interesse pelos sonhos de Priscilla

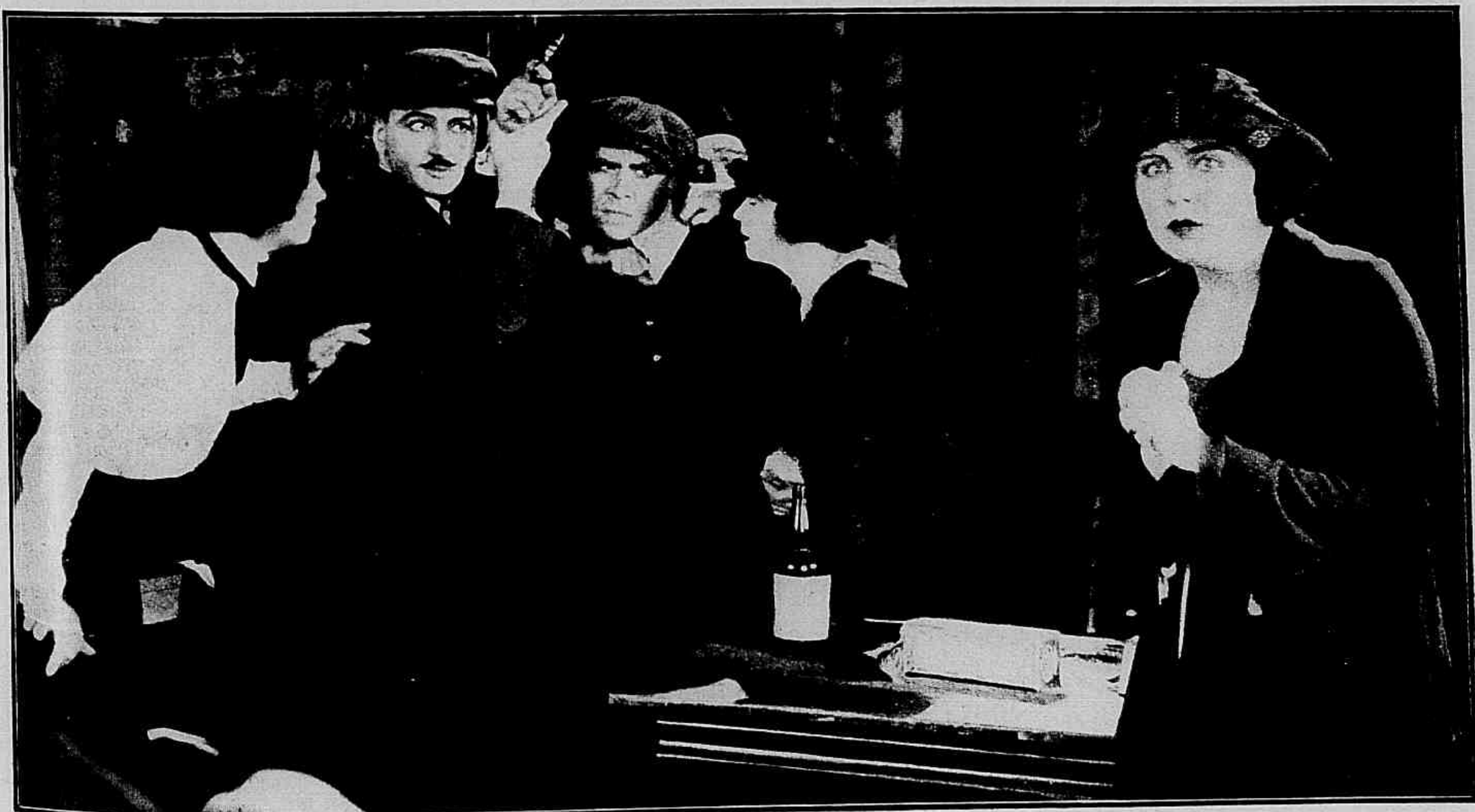
Priscilla começa a comprehender que seus sonhos não são de simples fantasias.

Mario (Pedro de Cordoba) não pode acreditar em uma tão perfeita similhança

Nora O'Moore (Dorothy Dalton)

ra por conhecer bem, por saber-lhes os nomes e os habitos, embora nunca os tivesse conhecido, em sua vida normal, isto é, quando estava desperta.

O Dr. Philip mostra profundo interesse por essas revelações e interroga-a detidamente. Miss Priscilla responde a todas as suas indagações sem hesitar, indicando os nomes, o aspecto e as maneiras dos personagens, que só conhece em sonhos e,

(Continúa na pag. 31)

A llucinação no bar onde Nora é a a heroina do drama

O HOMEM MIRACULOSO

ROMANCE DE FRANCK L. PACKARD

CAPITULO III

EM NEEDLEY

As informações que os guias dão sobre Needley são assaz laconicas.

"Trens. Só param quando na estação anterior recebem aviso de que ha passageiros ou carga.

Commercio — Nullo.

Aspectos e paizagens — Deslumbrantes."

Tom Burke veiu em automovel para começar seu papel de "touriste" rico. Ao approximar-se das primeiras casas do povoado simulou uma vertigem para fazer com o vehiculo uns zig-zags alarmantes. Seu physico demasiadamente sadio e robusto não lhe permittiam simular uma enfermidade; mas nada o impedia de se queixar d'essse males vagos, que são o apanagio dos opulentos: — neurasthenia, dyspepsia nervosa...

Saltando do automovel, viu-se logo cercado por um grupo de habitantes do logar, gente simples e bôa. **Tom** pediu-lhes que lhe indicassem um medico.

— Isso é cousa que aqui não ha — responde um camponez atarracado e risonho.

— Aqui ninguem adoece.

— Mas se o senhor está sentindo alguma cousa, por que não vai á casa do patriarcha ? — perguntou uma linda moça que estava a seu lado.

— Que patriarcha ? — perguntou **Tom Burke**, simulando grande surpresa.

A joven corou, ao ver-se assim observada por um "moço da cidade", e poz-se a torcer a ponta do avental sem responder.

— Que é isso **Ruth** ? Pareces uma bôba — exclamou o velho camponez, com ar severo.

E voltando-se para **Tom**, explicou:

— E' minha filha. Não disse isso por mal. Os senhores, que vivem nos grandes centros, de certo não acreditam nessas cousas... mas nós temos aqui um pobre velho, que passa por curar todas as molestias... Que elle já tem feito algumas curas... lá isso é verdade... Agora o senhor talvez não queira experimentar.

— Por que não ? — retorquiu **Tom Burke**, com simplicidade. — Confesso que sou um tanto sceptico quanto a esses prodigios; mas, desde que não ha um medico na aldeia, nada custa tentar esse recurso. Vamos lá ver esse patriarcha...

O homem miraculoso e sua inesperada sobrinha.

A casa do homem miraculoso ficava um pouco isolada, sobre uma collina. O camponez levou o viajante até lá e, pelo caminho, foi-lhe contando toda a sua vida.

Chamava-se **Hiram Higgins**, era viuvo, tinha uma filha, a **Ruth**... **Tom** vira-a ha pouco... e possuia um pequeno sitio pelos arredores...

— E o patriarcha ? — insistiu Tom.

— E' um bom homem — continuou o **Sr. Higgins**, dando á voz inflexão confidencial. — Parece mesmo uma creatura sobrenatural. Imagine o senhor, que é surdo-mudo de

Ao alto — O falso milagre. Em baixo — O "Sapo".

E, como o menino, a formosa Clara King veiu caminhando, cambaleante de emoção, até apoiar-se ao hombro do patriarcha

nascença; depois, com a edade, ficou cégo; mas tem um instincto tão maravilhoso, que parece adivinhar o que se passa em torno d'elle e comprehende tudo quanto se diz... Pega em um lapis e escreve, respondendo tudo certo...

— Isso é lá possivel ! — exclamou o viajante.

— Mas é assim. Toda a gente tem visto e o senhor, se ficar aqui alguns dias, terá tambem occasião de ver.

O patriarcha era um homem ainda robusto. Devia ter setenta a oitenta annos. Sua cabeça, aureolada por longos cabellos brancos, tinha um não sei que de impressionador em sua serenidade, que parecia vir de uma fé robusta e de uma consciencia superior. A despeito de sua descrença, **Tom Burke** sentiu uma extranha impressão ao vel-o de pé e immovel á porta de sua casa, como se o esperasse.

Observou-o bem, como se procurasse as causas reaes e naturaes da impressão, que recebia...

— Ora!... — disse comsigo mesmo, afinal. — Um ancião limpo e com alguma dignidade no aspecto, sempre nos causa uma impressão de respeito. Demais, esse gesto, habitual nos cégos, de manter o rosto erguido para o céu, é o que mais

Rosa (Betty Compson), Ricardo King (W. Lawson Butt) e Tom Burke (Thomas Meighan)

OS QUE VIVEM NO ÉCRAN

Estudos de expressão do actor Lon Chavey, o creador do papel de Jymmie, no film o "Homem Miraculoso".

distante, o chefe do bando forjára falsos papeis de identidade com os quaes **Rosa** podia agora apresentar-se com esse titulo magnifico. Era a sobrinha e, portanto, a herdeira do patriarcha.

Só faltava, pois, dar o grande golpe.

Harry e o "Sapo" iam chegar.

O primeiro mais tuberculoso do que nunca, para que sua cura fosse mais impressionadora e o "Sapo" partira e viajava cercado do maior reclame possivel, para attrahir curiosos.

Os auxiliares foram dignos do chefe.

No trem, **Jymmie** que, mesmo quieto, concentrava a attenção geral, agitou-se infatigavelmente para que toda a gente soubesse que elle ia tentar uma cura milagrosa. Todos os passageiros observavam-o e trocavam olhares apiedados. Só uma fé muito robusta podia permittir, que uma creatura assim tivesse esperança de cura...

Porém elle insistia, com os olhos luzentes e a voz tremula:

— Vou ficar bom!... Vou afinal ser um homem, que não faça horror a seus similhantes. E sem medico. Vou a Needrly, vou me tratar com um homem miraculoso, que ha alli, um verdadeiro santo, que cura os desgraçados só pelo contacto de suas mãos bemdictas.

Uns sorriam com lastima; outros fitavam-o com o ar absorto, tocados por aquella confiança profunda e solida.

Entre estes ultimos estava uma moça pallida, que viajava em uma cadeira transportavel com a saia coberta por uma manta. Junto d'ella um rapaz robusto e elegante cercava-a de constantes cuidados.

Esses dois passageiros eram **Ricardo King** e sua irmã **Clara**. Orphãos e ricos, tinham uma existencia desolada porque **Clara** soffria de um mal doloroso, que lhe tirava todo o encanto á vida; uma paralysia nervosa, que a fazia invalida e obrigava-a a viver presa a uma cadeira de rodas.

Tinham consultado em vão os mais famosos mestres da sciencia mas não podendo resignar-se a perder todas as esperanças iam tentar uma cura de sol á beira-mar.

Jymmie, arrastando-se em contorções laboriosas pelo corredor do wagon, deteve-se junto d'ella, repetindo sua historia. Era assim de nascença; mas agora ia ficar bom. O homem santo tinha já feito cousas tão miraculosas, que elle esperava tambem recobrar o uso de seus membros, graças ao contacto de suas mãos.

Ricardo curvou-se para a irmã e fallou-lhe ao ouvido. Tambem elle já havia lido em alguns jornaes referencias a esse extranho homem de Needley, a quem attribuiam curas prodigiosas. Por que não fazer essa tentativa? Aquelle trem passava por Needley; nada custava deterem-se alli alguns dias e ver o homem miraculoso. Se d'ahi não proviesse resultado, proseguiriam em viagem para a cidade de banhos, onde pretendiam fazer uma estação de heliothrorapia...

Clara reflectia indecisa; mas um fulgor de esperança surgia em seus olhos tristes.

o torna impressionador, dando-lhe um ar extatico... Pois muito bem... tanto melhor. Se até eu me deixo tocar pela graça divina... O negocio apresenta-se cada vez melhor...

Detivera-se a meio caminho da encosta, que conduzia á casa do patriarcha. De subito o **Sr. Higgins** bateu-lhe levemente num braço, murmurando:

— Olhe... vai ver o que lhe disse.

Tom fitou o velho e teve quasi um sobresalto. O cégo dirigia-se para elle.

Não era possivel. De certo estava habituado ao caminho e dirigia-se simplesmente ao pequeno portão de madeira, que fechava sua propriedade no nivel da estrada. Mas não... O velho deteve-se, diante d'elle e estendeu as mãos sobre sua cabeça, como se o abençoasse.

— Está vendo?... Está vendo?... — repetia o camponez.

Entretanto o patriarcha pousára uma das mãos sobre o hombro esquerdo de **Tom** e outra sobre sua cabeça. Ficou assim, depois saudou-o e voltou para a casa com o mesmo passo tranquillo.

— Então, que diz a isso? — perguntou o **Sr. Higgins**, reconduzindo-o á aldeia.

— E' espantoso. Mas elle é mesmo cégo?

— Completamente cégo, completamente surdo-mudo.

E, renunciando a tomar ares de espirito forte diante do extranho, o bom camponez começou a relatar-lhe as innumeras curas que o patriarcha tinha feito entre a gente da aldeia e dos arredores.

"Que negocio! que soberbo negocio! — pensava **Tom**.

Mas, chegando á praça principal da aldeia, viram vir a seu encontro a galante **Ruth** em companhia de um menino de seis a sete annos, que caminhava difficilmente apoiado a duas muletas e mal pousando no solo os pés. O pobresinho tinha as pernas rachyticas e contrahidas.

— Oh! — exclamou o viajante ao ver esse aleijadinho. — E' tambem seu filho?

— Não — disse o **Sr. Higgins** com tristeza. — E' filho do professor, do mestre-escola da aldeia. A pobre creança é assim de nascença; nunca andou de outro modo.

— Com mil demonios! — exclamou **Tom**, visivelmente contrariado. — E o patriarcha não conseguiu cural-o?

— Nem sequer o tratou. O pai do pequeno diz que não acredita em curandeiros e não quer ir a elle.

— Pois é pena... é pena... — murmurou o viajante com ar preoccupado.

Aproveitando os habitos hospitaleiros d'aquella gente, **Tom Burke** acceitou a hospedagem que o **Sr. Higgins** lhe offerecia até que alugasse ou comprasse uma casa. Porque o viajante communicou ao camponez sua intenção de fixar residencia alli por algum tempo, afim de "curar sua neurasthenia".

Na mesmo noite escreveu aos companheiros.

Podiam vir. Tudo alli se annunciava ás mil maravilhas. Apenas havia um inconveniente: — um aleijadinho de nascença que "estragava a paizagem". Seu aleijão incuravel podia tirar a fé na infalibilidade do homem miraculoso. Porém elle ia providenciar. Pretextando caridade, trataria de fazer o menino sahir do logarejo, mandal-o para bem longe.

CAPITULO III

O MILAGRE

Logo dois dias depois **Rosa** chegou a Needley.

De accordo com as instrucções de **Tom Burke** vinha bem diversa do que a viam todas as noites no bar chinez. Supprimira todas as pinturas com que habitualmente ornava os labios, os olhos e as faces; vinha com um vestido simples, de saia bem longa e arvorára o ar mais ingenuo... Parecia uma adolescente recem-chegada do collegio, abrindo muito os olhos grandes e azues para o mundo, onde tudo era novo para ella.

Essa "enscenação" era indispensavel, não só para impressionar bem a gente da aldeia, como porque **Tom** preparára para ella uma situação privilegiada.

Tendo sabido que o patriarcha tinha uma sobrinha, que partira de Needley ainda creança e ficára orphã em uma cidade

(Continua no proximo numero).

O DISCO DE FOGO

ROMANCE DE JERRY ASH

Elmo ficára de facto desacordado com a explosão; mas os brutaes movimentos com que seus inimigos o tinham transportado restituiram-lhe a consciencia e elle apenas simulára inercia para evitar peiores consequencias. Logo que o atiraram ao poço, elle manobrou habilmente para salvar-se. Os proprios bandidos, regressando, se encarregaram de guial-o até o logar onde seu chefe havia prendido a filha do professor **Wade**.

Então, aproveitando a attenção que **Stanton** concentra nas experiencias com o disco de fogo, elle não tem difficuldade em libertar sua protegida, levando-a até a via ferrea, que passa alli perto.

Infelizmente, a pobre moça não está em condições physicas que lhe permittam caminhar até á proxima estação; porém o "detective", dando a conhecer sua qualidade aos trabalhadores, que estão fazendo reparações na estrada, obtem que elles lhe emprestem um wagonete de carga, com o qual lhe será facil chegar á estação.

Stanton, porém, não ficou inactivo. Dando pelo desapparecimento da prisioneira, seguiu as pégadas de **Elmo** e observa de longe suas negociações com os trabalhadores da via ferrea. Depois, notando que Elmo não poderá chegar á estação sem atravessar um longo tunnel, corre para ahi com um grupo de seu bando e derramando varias latas de petroleo no interior do tunnel, ateia-lhe fogo.

Quasi no mesmo instante o wagonete, lançado em grande velocidade, entra nesse tunnel... E uma detonação surda ecnôa.

Toda a montanha parece abalada pela explosão.

CAPITULO XIII

A JAULA INVISIVEL

Sentindo que a abobada do tunnel começa a desmoronar-se, no momento em que o wagonete vai penetrar alli, **Elmo** segura fortemente **Miss Helena** com uma das mãos e, com a outra, agarra-se a borda da entrada do tunnel, deixando que o wagonete deslise sob seus pés. E fica alli pendurado emquanto o wagonete desapparece na explosão.

Os bandidos, inquietos pela curiosidade que o estampido vai despertar nos arredores, apressam-se a desapparecer na floresta. Por isso o mysterioso motocyclista pode, sem embaraços, vir tirar **Elmo** e **Miss Helena Wade** da difficil situação em que se encontram. Infelizmente esse singular protector pouco se demora alli e quando se afastam em busca de logar habitado os dous cahem novamente nas mãos da gente de **Stanton**.

(Continúa na pag. 31)

— **Diga immediatamente onde está Miss Helena.**

Ninguem resiste aos musculos de Elmo

Elle entra e detem o infernal apparelho

A BELLA ESPOLIADORA

(Continuação da pag. 7)

que voltou da guerra com o peito coberto de medalhas e cicatrizes gloriosas. **Christovam** é muito rico e vive só. Deve ser um profano em materia de especulações bolsistas; com o poderoso auxilio do sorriso de **Norina** não hade ser difficil convencel-o de que deve empregar uma bôa parte de seus capitaes em acções das minas de petroleo de Mesmer, uma empreza que já consumiu em estudos quasi todo o capital subscripto sem encontrar uma gotta do precioso oleo e que por isso tem seus titulos completamente desvalorisados no mercado.

Julião adquiriu esses titulos não por esperar ainda alguma cousa das minas, adquiriu-os quasi de graça para impingil-os ao primeiro pateta, que lhe cahisse nas unhas. O tenente **Christovam** parece estar nas condições.

De facto, apresentado a **Norina**, esta habilmente simula empenho em comprar acções da empreza Mesmer e de tal modo manobra que, logo no dia seguinte, o joven aviador entrega a **Julião** um cheque de avultada quantia em troca de um masso d'esses papeis inuteis.

Mas nessa mesma noite **Norina** vai assistir a uma conferencia realisada por **Christovam** em beneficio dos mutilados da guerra e alli, ouvindo relatar os feitos heroicos do tenente, ouvindo-o depois tallar em termos tão emocionantes do desinteresse e da dedicação com que se consagra á salvação dos infelizes, ella sente pela primeira vez horror á sua existencia e remorso dos actos que tem praticado em parceria com os dous exploradores.

Para dizer inteiramente a verdade, cumpre accrescentar que essa comprehensão de seu verdadeiro papel nas artimanhas de **Julião** e de **Bonzi** vem-lhe de um sentimento mais intimo, do amor que o tenente **Christovam** fez nascer em seu peito.

Transformada pela paixão, **Norina** começa a soffrer, porque começa a conhecer a ignominia a que se deixou arrastar. Não podendo resistir á magua que lhe causa a ideia de ter prejudicado o heroico aviador ella chama-o e previne-o ousadamente.

— Recebi uma informação, que me deixou muito afflicta. Fui quem o levou a realisar a compra de acções da empreza Mesmer; pois bem, soube agora que esses titulos nada valem. Se houver ainda um meio de annullar a compra não hesite.

Christovam fica profundamente impressionado, não tanto com essa noticia mas, principalmente, com a expressão dolorosa que transfigura o rosto de **Norina**, com o tremor de sua voz e um não sei que de allucinado, que nota em seu olhar.

Resolvido a tirar a limpo o mysterio que presente naquella creatura, por quem começa a sentir uma sympathia muito terna, o tenente resolve acceitar o convite que lhe foi feito pelo conde **Bonzi** para uma festa em seu atelier e alli vai com a esperança de encontrar **Norina.**

Em verdade ella alli está e, ao vel-o, fica livida de emoção. **Norina** reflectiu e, avaliando a distancia moral que a separa d'aquelle official de nome tão puro e vida impeccavel, resolveu occultar os sentimentos que elle lhes inspirou. Agora, vendo-o alli, comprehendendo que elle veiu sómente por sua causa, **Norina** tem a cruel coragem de procurar, ella mesma, afastal-o de si; fazel-o comprehender que não é digna de sua attenção, que não tem um passado que lhe permitta usar seu nome.

Então, para que **Christovam** a despreze, ella exaggera sua intimidade com **Bonzi**, toma attitudes escandalosas e faz-se coroar rainha d'aquella festa de loucos, empunhando, á guiza de sceptro, uma taça de champagne.

O official immobilisado pela surpreza, a um canto do salão, observa-a sem dizer palavra; um presentimento instinctivo fal-o notar que a alegria tumultuosa de **Norina** é forçada e, demorando-se alli, elle nota ainda o gesto de repugnancia irresistivel com que ella repelle o conde **Bonzi**, quando este, por sua vez, procura tomar a seu lado attitudes de namorado. Porém **Bonzi**, exaltado pelo champagne, insiste, quer prendel-a nos braços e **Norina**, num impeto de pavor, horrorisada pelo declive em que se sente resvalar, não resiste á tentação de buscar um refugio seguro. E é junto de **Christovam** que ella se vai abrigar.

O soffrimento, que lhe causaram aquellas scenas deixaram **Christovam** convencido de que seu amor por aquella moça é já tão profundo, que não lhe será possivel mais viver sem ella. E, resolutamente, tomando-a nos braços, leva-a d'alli, transporta-a até seu automovel, condul-a á casa, cercando-a de todas as manifestações de respeito e deixa-a á porta, dizendo-lhe simplesmente:

— Confie em mim. Eu saberei salval-a.

No dia seguinte, o tenente **Christovam** dirige-se ao banco onde tem seus capitaes e, antes da abertura dos "guichets", entende-se com os directores d'esse estabelecimento. Explica-lhes o que aconteceu e manda vir dous agentes de policia para que prendam os especuladores no momento em que se apresentarem para receber o cheque.

Mas **Norina** despertou inquieta, apoz uma noite de pesadellos e lagrimas. Os escrupulos despertados em sua alma abrangem agora todas as manifestações de seu espirito e, considerando desleal afastar-se de seus antigos cumplices sem uma palavra, ella vai ao escriptorio de **Julião** para dizer-lhe francamente que não mais poderá contar com seu auxilio.

O especulador não chegou ainda; de sua residencia foi directamente á casa de **Bonzi**, para irem juntos receber o dinheiro de **Christovam** e, quando **Norina** alli está á sua espera, a dactylographa do escriptorio recebe pelo telephone uma noticia, que lhe é communicada da agencia telegraphica. As esperanças sobre as minas do Mesmer não eram infundadas; os engenheiros que alli estavam, insistindo ainda em pesquizas, acabam de descobrir um veio de opulencia sem igual; assim a empreza, que já se considerava perdida, vai resurgir e ganhar valor immenso; as acções, que **Julião** adquiriu por preço infimo, vão de subito alcançar cotações acima do par.

Norina corre á casa de **Christovam** e, como ahi lhe dizem que elle foi a determinado banco, ella procura-o alli e communica-lhe o telegramma.

O official sorri, pede-lhe que o espere no proprio gabinete do director e vai prevenir os agentes de policia para que não prendam **Julião.** Deixa que o "scroc" receba o dinheiro, e dirigindo-se a elle pergunta-lhe se não terá outras acções da mesma empreza disponiveis.

— Como não? Tenho ainda muitas — diz-lhe o explorador, estupefacto e radiante, ao ver que o official vem por si mesmo offerecer-se a uma nova sangria.

— Pois compro quantas tiver — responde-lhe **Christovam.** — Estou com fe nesse negocio. Se puder fornecer-m'as dentro de uma hora, muito gostarei, porque devo partir hoje para o Oeste.

Julião troca com **Bonzi** um olhar deslumbrado. Que pateta! Que admiravel palerma! Vamos aproveitar a occasião.

E, uma hora depois, **Christovam** recebia, contra um novo cheque, um enorme masso dos titulos agora tão preciosos.

— Muito bem — diz elle com calma. — Agora sou eu o maior accionista d'esta empreza e tenho muito prazer em communicar-lhe que os engenheiros acabam de telegraphar, annunciando que descobriram afinal uma bolsa de petroleo, que se revela excepcionalmente abundante.

E deixando **Julião** literalmente petrificado ao verificar que foi elle o pateta, sahe á procura de **Norina.**

A orphã não está só. Considerando que o ultimo negocio já lhe assegurou a independencia necessaria, o conde **Bonzi**, que já vai ficando inquieto com o interesse que **Norina** parece tomar pelo tenente **Christovam**, foi procural-a para exigir que o despose e parta com elle. E como a moça recusa, elle chega a tornar-se brutal, segura-a pela garganta...

Mas o tenente **Christovam** chega e, depois de applicar ao atrevido o merecido castigo, propõe a **Norina** o doce amparo que ella já não tem coragem para recusar.

Este conto foi cinematographado pela UNIVERSAL, tendo como protagonistas **Carmel Meyers** e **Irving Cummings.**

O REI DO CIRCO

(ROMANCE BASEADO NA VIDA DE ROULEAUX)

(Continuação da pag. 12)

mido acrobata conseguiu ainda uma vez escapar com vida, deixa-o tremulo de furor.

Entretanto **Eddie** não pode acreditar que **Jayme Gray** tenha pretendido eliminal-o. Está convencido de que o baixo pessoal do circo é que o odeia e ataca-o sem conhecimento do emprezario. Por isso, como essa é a sua profissão e não conhece outro meio de vida, resolve voltar ao circo, a despeito das advertencias dos pais de **Miss Helena**, que o vêem partir com tristes presentimentos.

Em sua ingenuidade, chegando ao circo, **Eddie** vai immediatamente á presença do emprezario e conta-lhe o que se passou, mostrando-lhe o revolver que lhe foi entregue pelo desconhecido.

Gray examina attentamente a arma para occultar a perturbação em que ficou, porém ainda maior é seu embaraço, quando o acrobata lhe communica as revelações incompletas de **Winters** e pede-lhe esclarecimento sobre a morte de seu pai, que, segundo as informações do palhaço, deve ter sido assassinado por alguem que tinha interesse em se apoderar de sua fortuna.

Jayme Gray responde a essas leaes indagações com tal precipitação que, nesse momento, **Eddie** começa a desconfiar de que é elle mesmo o culpado e de que foi aquella arma que feriu **Winters.** Mas nada diz de suas suspeitas e, guardando o revolver no bolso, retira-se para seu camarim.

Apenas ficou só, o emprezario chama dous dos empregados que lhe merecem mais confiança e depois de censurar-lhes violentamente a mentira, ameaça-os de despedil-os se para outra vez deixarem incompleta a execução de suas ordens.

Um dos miseraveis revolta-se; declara-lhe que não deixará o circo; cégo pela colera ao ver-se affrontado em seu dominio, **Gray** lança mão de um pedaço de madeira e golpeia brutalmente o desgraçado.

Attrahido pelos gritos do infeliz, **Eddie** corre em seu soccorro. **Gray**, desatinado, ergue o cacête para descarregar-lhe um golpe mortal na cabeça; porém o acrobata viu-lhe o movimento e desarma-o com um socco de vigor irresistivel. Ainda mais furioso por se ver vencido diante de seus subalternos, o trahiçoeiro emprezario deslisa a mão para uma das algibeiras, e extrahe d'ella um minusculo revolver.

(Continúa no proximo numero)

* Este film foi cinematographado pela UNIVERSAL com a seguinte distribuição:

Eddie Polo — **Eddie Polo.**
Helena — Corina Porter.
Maria — Kittoria Beveridge.
Jayme Gray — Harry Ma son.
Juan Winters — Charles Fortuna.

O ESPELHO NEGRO

NOVELLA DE LOUIS JOSEPH VANCE

(Continuação da pag. 25)

de resto, são todos vagabundos ou criminosos da peior especie.

No dia seguinte, ainda preoccupado com esse singular caso de dupla existencia manifestada em sonhos, caso já citado por varios pesquizadores mas nunca estudado a fundo em suas causas, o **Dr. Philip**, lê num jornal a noticia de um assassinato e, com profunda estupefacção, reconhece nos nomes dos individuos presos ou procurados pela policia como envolvidos nesse crime os mesmos, que **miss Priscilla** citou como os das pessôas, que apparecem constantemente em seus sonhos.

A' vista de tão espantosa coincidencia, o joven sabio resolve proceder em pessôa a uma investigação sobre os factos noticiados e, acompanhando o inquerito da policia, sua surpreza augmenta de instante a instante.

Elle começa por descobrir que, no grupo de creaturas suspeitas ou francamente criminosas, envolvidas no acontecimento, está uma mulher, uma desgraçada, que se chama ou diz-se chamar-se **Nora O'Moore**; e essa creatura, que vive entre a escoria da população, frequentadora assidua de um **bar** dos mais reles, é o retrato vivo de **miss Priscilla**. Estatura, feições e até os gestos, nessa mulher são a reproducção perfeita de todas as qualidades physicas da filha do **Sr. Maine**.

O **Dr. Philip** prosegue nas pesquizas e reconstitue toda a existencia de **Nora**.

Essa mulher é ardentemente amada por **Mario Gonçalez**, um aventureiro hespanhol, que tem figura proeminente entre os frequentadores do **bar**; durante alguns mezes desprezou os galanteios com que elle a cercava; mas, poucos dias antes de assassinato, cuja responsabilidade parece caber a **Mario**, ella acceitára finalmente suas propostas de matrimonio e tornára-se sua noiva. O medico verifica tambem que o grupo suspeitado de connivencia no crime é chefiado por um malandro de grande fama, um tal **Carnaham**, appellidado **"o Vermelho"**.

Seguindo discreta mas attentamente esse grupo, aparte das providencias da policia o **Dr. Philip** mantem-se ao par de toda a intriga eassim observa que **Mario**, embora inquieto pelas suspeitas da policia, não se atreve a fugir, deixando **Nora** exposta ás brutalidades do **"Vermelho"** de quem parece ter os mais furiosos ciumes. **Carnaham** de facto requesta **Nora O'Moore** mas fal-o com certas reservas e isso permitte que **Mario**, num gesto de audacia, conseguindo illudir os policiaes, que o seguem, realise o rapto de **Nora**, fugindo então com ella para sua verdadeira casa, que, situada em Jersey, não é conhecida de seus companheiros do **bar**.

Mas o desapparecimento de **Nora** produziu sensação entre os vagabundos e o **"Vermelho"**, resolvendo-se afinal a manifestar o interesse, que toma por ella, reune seus companheiros para procural-a custe o que custar.

Nesse afan o grupo espalha-se pela cidade e poucos dias depois um dos companheiros do **"Vermelho"**, vendo **miss Priscilla**, que sahe de uma exposição de arte, julga ter encontrado **Nora** e, não podendo duvidar de tão perfeita similhança rapta-a e leva-a para a casa de **Carnaham.**

Entretanto este, tendo seguido uma melhor pista descobrira a residencia de **Mario Gonçalez**, encontrando alli, só, a mulher que procurava. Tenta impor-lhe sua vontade, procura seduzil-a com promessas; depois ameaça-a, exige que ella o acompanhe e, como **Nora** recuse, o **"Vermelho"**, num impeto de furor sanguinario, atira-a a um lago proximo onde a infeliz desapparece.

Mario chega; é tarde já para salvar sua amada, mas a presença de **Carnaham** fal-o comprehender o que se passou e elle precipita-se como um louco para o rival. Os demais vagabundos, que chegam trazendo **miss Priscilla** tentam defender seu chefe; porem na confusão da luta e, illudido tambem, julgando ver **Nora**, **Mario** aproveita a opportunidade e foge levando-a comsigo.

Miss Priscilla, no primeiro momento, só vê na intervenção de **Mario Gonçalez** uma perspectiva de se salvar das mãos de seus raptores; mas pouco depois fica profundamente alarmada não só ao reconhecer naquelle rapaz esqualido e febril um dos personagens, que conhecera em sonhos, mais ainda por que nota que **Mario** a toma por outra pessôa e a considera sua propria esposa. Tenta disilludil-o, declara-lhe seu verdadeiro nome; porem **Mario**, recusa acreditar. Está convencido de que **Nora** queria fugir-lhe e acceitou a protecção de algum millionario, que lhe forneceu o vestuario e as joias com que agora se apresenta. Em vão **miss Priscilla** affirma-lhe que assistiu de longe á scena entre **Carnaham** e aquella que procura; em vão lhe assevera que viu o **"Vermelho"** atirar ao lago a pobre creatura.

Felizmente o **Dr. Philip** não ficára inactivo. Seguindo o rastro dos miseraveis chega tambem a Jersey e com sua autoridade de homem de sciencia explica a **Mario Gonçalez** a verdadeira situação. O rapaz ouve attento, hesitando em dar credito a uma aventura tão extranha. E ainda mais assombrado fica quando vê que **miss Priscilla** percorrendo a casa e seus arredores reconhece a cada passo os logares, que via durante o somno.

Mas um novo incidente vem tornar ainda mais impressionadora a situação.

Carnaham, que se affastára por se julgar vigiado, não resiste á tentação de voltar ao recanto em que assassinou a mulher, que lhe resistiu. Chega á borda do lago; contempla absorto a agua em que o corpo de **Nora** desappareceu e de subito recua espavorido, vendo **Priscilla** na outra margem. Elle julga ter diante dos olhos sua victima resuscitada para intimidal-o. **Miss Priscilla** por sua vez fita-o com os olhos dilatados pelo horror. Aquelle homem!... Tambem elle é um dos que em seus sonhos voltam constantemente a perseguil-a.

A emoção fal-a cahir sem sentidos nos braços do **Dr. Philip** e, não podendo resistir a tantas emoções, ella fica seriamente enferma, com um ataque de febre cerebral.

Durante sua enfermidade, o **Dr. Philip**, que se mantem zelosamente á sua cabeceira tem a explicação d'esse mysterio na confissão do **Sr. Maine**.

O pai de **miss Priscilla** fizera em sua mocidade um casamento infeliz. Cégo pela paixão, desposara uma cigana de quem tivera duas filhas gemeas. Um dia a cigana partira, levando uma das crianças e deixando-lhe apenas **Priscilla**.

Mas o pesadello terminou. O encontro dos personagens fantomaticos que a allucinavam destruiu no espirito de **miss Priscilla** a singular tensão nervosa, que a fazia ter essas allucinações. Os sonhos não voltam a perturbar seu espirito e ella poderá desposar o medico, que tão dedicadamente defendeu sua existencia e sua tranquillidade.

Esta novella foi cinematographada pela ARCRAFT com a seguinte distribuição:

Priscilla Maine — **DOROTHY DALTON.**
Nora O'Moore — **DOROTHY DALTON.**
Dr. Philip Folich — **Huntley Gordon.**
Carnaham — Walter Neeland.
Ignez — Jessie Arnold.
Addy — Lucile Carney.
Mario Gonçalez — **Pedro de Cordoba.**
Charlie — Bert Starkey.

DE FIDALGA A ESCRAVA

ROMANCE EXTRAHIDO DA FAMOSA COMEDIA DE JAMES MATHEW BARRIE

(Continuação da pag. 9)

familia e o grande desejo de não perder essa excursão para que ellas se resignassem a "tamanho sacrificio".

Mas, resolvido o problema por esse lado, apresentou-se uma nova difficuldade ainda mais grave.

Ao saber que teria de servir duas senhoras ao mesmo tempo, **Suzanna** franziu o narizinho insolente e com ar de dignidade offendida declarou que "preferia despedir-se da casa"...

— Como ? — perguntou **lady Mary**, estupefacta...

Mas logo retomando sua calma desdenhosa accrescentou:

— Está bem. Pode retirar-se.

— Oh ! **Suzanna...** — perguntou ingenuamente **Agatha** — Pois você deixa **Mary** por isso ?

— Senhorita, eu... — começou **Suzanna**, nervosamente.

Porém **lady Mary** deteve-a, dizendo com voz glacial:

— Creio já lhe ter dito que se retirasse...

Suzanna curvou a cabeça e sahiu sem mais uma palavra.

— Que creatura miseravel ! — lamentou a loura **Agatha**, com voz quasi lacrimosa. — Em fim... paciencia. Levaremos **Fisher...**

— Perdão — observou **Crichton**, que recolhia zelozamente os mappas — julgo de meu dever prevenir as senhoras que tambem **Fisher** já declarou que se despediria caso pensassem em leval-a para servir duas pessôas...

— Oh ! — trovejou **lord Loan**, com um gesto indignado — Dar-se-ha caso que tambem **John...**

— Sim, senhor — declarou **Crichton** com a mesma impassibilidade. — Creio poder affirmar a Vossa Honra que tambem **John...** Vossa Honra comprehende... Fazer parte de um pessoal tão reduzido não é digno...

(Continúa no proximo numero)

O DISCO DE FOGO

ROMANCE DE JERRY ASH

(Continuação da pag. 29)

Elmo logra fugir, porém **Miss Helena** é levada para a casa de um velho bandido, um sujeito chamado **Kolp**, que é comprador de roubos e velho amigo do chefe do bando.

D'essa vez o captiveiro é mais cruel. Por uma infeliz coincidencia, o chefe de policia vem em pessoa dar uma busca em casa de **Kolp**, por causa de um roubo occorrido recentemente e cahe tambem prisioneiro, porque **Stella**, a dactylographa de seu gabinete, não se descuidou de prevenir **Stanton** da visita do **Sr. Barrows.**

Aconteceu, porém, que **Elmo**, tendo ido procurar seu chefe, surprehendeu **Stella** communicando-se pelo telephone com **Stanton** e obrigou-a a revelar o paradeiro de **Miss Helena.**

De posse d'essa informação, **Elmo** corre para casa de **Kolp** e segura o intrujão pelo pescoço com energia tal, que o miseravel julga chegada a sua ultima hora. Porém, apenas o "detective" lhe solta a garganta, elle planeja um ardil para vingar-se.

A pretexto de indicar-lhe o esconderijo onde **Miss Helena** foi collocada, conduz **Elmo** para a adega e apenas o "detective" começa a descer a tortuosa escada, uma mão invisivel lança por terra a vela com que **Kolp** illumina o caminho e empurra o "detective" para um pequeno e escuro cubiculo. Alli está **Stanton**, que o recebe com um sorriso escarninho. **Elmo** precipita-se para elle e, segurando-o com furor, exige que lhe declare onde se acha a filha do professor **Wade.**

(Continua no proximo numero).

A PODER DE SOCCOS

CONTO DE A. CHANNING EDINGTON

(Continuação da pag. 15)

as constantes desordens são provocadas por uma empreza rival, que pretendia tomar a si aquella importante obra.

Chegando a Mountain Lake, o unico povoado que existe no centro d'essa região chamada "Serra", Tim encontra como encarregado das obras um tal **Haines**, um engenheiro, que, além de seus conhecimentos technicos, só tem defeitos.

E' elle, com seus instinctos dissipadores e sua falta de compostura, quem mais facilita as desordens. Para cortar o mal pela raiz, **Tim** começa por demittil-o e **Haines** corre a procurar **miss Lorraine** para intrigar o novo administrador, communicando-lhe a fama de brutalidade e grosseria que lhe emprestam.

No dia seguinte, fazendo-se uma explosão necessaria ás obras, a terra é removida em logar diverso do que era necessario e, tendo verificado que a carga de dynamite fôra mal collocada, **Tim** comprehende que o responsavel por esse erro, evidentemente propositado e maldoso, foi **Haines**. Não pode conter a irritação, e interpella violentamente o engenheiro. Este responde-lhe no mesmo tom e um capataz das obras, um tal **Leek**, sujeito enorme e conhecido por sua força espantosa, toma a defesa de **Haines**. **Tom** não está com uma nem com duas. Avança para elles e surra-os valentemente.

Lorraine, que assiste á scena de certa distancia, não lhe conhece as causas e apenas vê os gestos brutaes de **Tim**. Fica, pois, convencida de que, de facto, aquelle rapaz tem um genio impossivel. E' uma verdadeira féra.

Entretanto outros operarios, muito ligados a **Haines**, tentam vingar a affronta e em grande numero atacam o recinto das obras. **Tim** reune os poucos que lhe ficaram fieis, derrota os aggressores, e expulsa definitivamente **Haines** e **Leek**.

Miss Lorraine tenta intervir em favor do engenheiro, que não considera culpado, e o rapaz, ainda na exaltação do momento, recebe-a com rispidez, dizendo-lhe que não se mettesse onde não era chamada. E, de subito, empurra-a com um gesto brusco, obrigando-a a se collocar fóra do cercado.

A moça retira-se profundamente sentida com essa brutalidade. Ella não notou que o administrador fizéra aquelle gesto para impedir que ella fosse apanhada pela barra de ferro de um guindaste, que se movia sobre sua cabeça. Só depois, quando já chegou a casa é que verifica que **Tim** não teve o intuito de maltratal-a; ao contrario, salvou-lhe a vida...

A sympathia, que tivera por elle desde o primeiro dia, voltou a seu coração e... para fallar com franqueza, um sentimento mais terno começa a nascer em seu peito.

Entretanto, sahindo d'alli, **Haines** foi immediatamente procurar o **Sr. Benham**, chefe da empreza rival e este encarrega-o de interromper os trabalhos da empreza **Metcalf**, seja como for. O engenheiro acceita com prazer a incumbencia e nessa mesma noite uma nova e inexplicavel explosão occorreu no acampamento.

Depois as perturbações da ordem começam; porém **Tim** domina-as com mão de ferro, subindo cada vez mais na estima do **Sr. Metcalf** e de sua filha.

Desesperado com o insuccesso das criminosas manobras de **Haines**, o **Sr. Benham** resolve dar um golpe decisivo, minando e destruindo o grande dique já construido. Uma noite, fazendo a ronda pelas obras, em companhia de **Abye**, **Tim** é surprehendido por um bando a soldo de **Haines**. O velho **Soaky** que seguia **Tim** de longe, quer soccorrel-o e cahe morto por uma bala do engenheiro.

Depois, o miseravel manda amarrar **Tim** e **Abye** sobre o dique e prepara a explosão. Porém quando esse se afasta com seus auxiliares, **Abye** consegue libertar-se das cordas e desata tambem **Tim**. Então, juntos, elles apagam o rastilho e, perseguindo os criminosos, conseguem prender **Haines** e **Leek**.

Em caminho para o povoado, **Benham** intervem por sua vez; liberta seus cumplices e para mais facilmente impor sua vontade ao **Sr. Metcalf** manda raptar **miss Lorraine**.

Essa ultima infamia põe **Tim** litteralmente fóra de si e elle parte, só, na pista de **Haines**, no meio de uma terrivel tempestade de neve. Vai assim até uma cabana perdida no meio da floresta e alli encontra a moça, lutando com o engenheiro, que tenta dominal-a. A porta está fechada. **Tim** arromba uma janella, mas, nesse momento, recebe no hombro esquerdo uma bala de revolver de **Haines**. Ainda assim, salta a janella e trava com o miseravel uma luta encarniçada e feroz, acabando por derrotal-o.

Já toda a floresta está cercada pelo "sheriff" do povoado, que mobilisou todos os homens disponiveis para aprisionar o bando de **Haines**. São todos agarrados e não mais voltarão a perturbar as obras da empreza **Metcalf**.

Mesmo porque, **Tim**, como administrador, vai agora ter redobrada força moral, tornando-se o genro e socio do chefe da empreza.

A. Channing Edington.

Este conto foi cinematographado pela **FOX FILM CORPORATION** com a seguinte distribuição:

Tim MacGuire — **WILLIAM RUSSEL.**
Lorraine Metcalf — **Mary Thurman.**
Fernanda — Corren Kirkhan.
Haynes — George Fisher.
Benham — Edwin B. Tilton.
Leek — Charles Gorgan.
Harris — Jack Roselligh.
O Sr. Soaky — John Cook.
Abye — Joe Lee.
Metcalf — Chas. K. French.
Shadow — Jack Stevens.

EMQUANTO O DIABO RI

CONTO DE GEORGE WILLIAM HILL

(Continuação da pag. 19)

enfermos. **Mary** ajoelha-se junto ao leito do menino e promette abandonar para sempre sua existencia irregular se o céu restituir a saude áquelle innocente.

O pequeno **Gustava** consegue restabelecer-se e **Mary**, impressionada com o incidente, acreditando sinceramente que sua promessa foi ouvida, recusa, desde esse dia, voltar aos serviços da quadrilha.

Essa inexplicavel transformação no caracter de sua preciosa auxiliar, irrita profundamente **Fence**; mesmo porque elle receia que os escrupulos de **Mary** a afastem completamente d'elle; e seu coração rude foi tambem conquistado pela graça simples d'aquella moça, que pretendia mais tarde fazer sua esposa.

Procurando o meio de vencer a resistencia de **Mary**, **Fence** observa mais attentamente seus habitos e convencido de que foi a influencia de **Billy** quem a levou a tomar aquella inesperada resolução, o chefe do bando volta toda a sua colera contra o "chauffeur" e encarrega um dos seus auxiliares, o "Doninha", de assassinal-o.

O **"Doninha"** sahe á procura de **Billy** e, encontrando-o em passeio com **Mary**, dispara contra elle um tiro. Mas erra a pontaria e a bala ao envez de alcançar o "chauffeur" fere outro membro do bando, que o acompanhava. O **"Doninha"** foge e a policia, acudindo ao estampido, prende **Billy** como autor do ferimento.

Novo golpe espera **Mary** nesse mesmo dia. Chegando a casa, ella encontra sua mãi gravemente ferida em um accidente e a despeito de todos os cuidados não consegue salval-a da morte.

Fence considera a occasião das mais opportunas para realizar a conquista de **Mary**. **Billy** está na prisão; ella ficou só no mundo com dous irmãos menores... Elle apresenta-se como um salvador providencial, offerecendo-lhe os recursos necessarios para todas as despezas. Mas ha no bando outra mulher, **Pearl de La Mar**, que acompanha a quadrilha sómente por amor de **Fence** e, ao vel-o agora tão dedicado a outra mulher, jura vingar-se de ambos.

Para mais perturbar a pobre moça, quando já se acha em tão afflictiva situação, elle recebe uma carta, que **Billy** lhe escreveu da prisão, pedindo-lhe que não volte a visital-a. Tem profunda surpreza com essa ordem mas, confiando cégamente em seu amado, obedece.

A carta tinha uma causa. **Pearl** visitára **Billy** na prisão para lhe dizer que não mais confiasse em **Mary**, que esta já havia encontrado em **Fence** consolação para todos os seus dissabores.

Passam-se mais alguns dias. **Billy** é submettido a julgamento, absolvido por falta de provas e posto em liberdade.

Mary corre anciosamente a procural-o, porém elle repelle-a, recusando ouvir qualquer explicação e afasta-se disposto a procurar **Fence** e vingar nelle, impiedosamente, a perda de seu amor.

Esta, não podendo adivinhar as causas da irritação de **Billy**, tem a ideia mais desastrada que se pode imaginar, porém a mais logica, dada sua innocencia na intriga urdida por **Pearl**: — vai procurar **Fence**, para lhe pedir que indague de seu noivo o motivo de tamanha colera. Ella se arrisca assim a um perigo immenso, porquanto o "chauffeur" está nesse momento á espera d ochefe do bando, diante da porta de seu quarto, apontando nervosamente na algibeira a coronha de um revolver. Porém mais uma vez o velho cantor apparece em seu caminho para afastal-a do mal. Vendo-o e ouvindo sua voz, **Mary** recorda a promessa que fez de não mais ter relações com o bando criminoso resolve voltar. Infelizmente **Fence**, que chega nesse instante, vendo-a afastar-se, persegue-a e quer, a viva força, forçal-a a seguil-o até seus aposentos. Ella resiste e chega a travar luta com elle, mas a scena é interrompida por nuvens de fumaça, que começam a surgir por todos os lados.

Declarou-se um incendio no edificio. **Fence** foge immediatamente, porém **Mary**, vendo que sua residencia tão proxima está em risco de ser alcançada pelas chammas, corre allucinadamente, procurando o caminho por entre a fumaça, que quasi lhe tira toda a faculdade de ver. Com effeito sua modesta casinha está já em risco de ser consumida pelo fogo e **Rags**, o cãosinho que ella recolhera por piedade, obedece corajosamente a seus instinctos de dedicação, arrastando pelo corredor a pequenina **Gertie** para salval-a do incendio.

Os acontecimentos precipitam-se. **Fence** fugindo do edificio, encontrou á porta os "detectives", que vêm prendel-o, por denuncia de **Pearl**. **Mary**, que perdeu tempo para recolher seu irmão, encontra já a escada tomada pelas chammas e só consegue salvar-se por uma janella com o auxilio dos bombeiros. Mas o apparelho que dispõem para retirar da casa incendiada os infelizes alli presos ,só pode transportar uma pessôa de cada vez e **Pearl**, que veiu assistir ao resultado de sua denuncia, vendo o menino só na rua tem a idéa de raptal-o para assim mais duramente vingar-se de **Mary**.

A criança, que andava attonita, sentindo-se só no meio da confusão, interpreta seu gesto com ingenuidade e abraçando-se a seu pescoço, acaricia-a. Esse gesto desarma a companheira de **Fence** e não podendo resistir ao impulso de ternura que invade seu coração, ella é a primeira a levar a criança aos braços de **Mary**.

E arrependida do mal que fez aquella infeliz, procura **Billy** para destruir a mentira, que forjára para separal-o de sua noiva.

Desde esse momento tudo corre bem a essas duas creaturas, que procuram regenerar-se. A experiencia definitiva do apparelho, que **Billy** inventou, dá o melhor resultado e em breve elle pode realizar os projectos tão longamente preparados. Uma casinha nos campos soberbos da California, o espaço livre, a vida honesta e tranquilla.

George William Hill.

Officinas Graphicas do Jornal do Brasil